



O COSMOPOLITA

Orgão dos Empregados em Hotéis, Restaurants, Cafés, Bars e classes congeneres

ANO II — N. 23

Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 1917

REDAÇÃO
Rua do Senado 215-217
Telefone Central 1499

O começo da luta

Final, após uma serie infinita de marchas e contra marchas, o Centro Cosmopolita logrou ver triunfante uma parte dos nossos direitos, longo tempo pleiteada, com a aprovação em 3ª e ultima discussão, no Conselho Municipal, do projeto regulamentando o trabalho das classes, de cujos interesses é o Centro lidimo representante.

Não estranhem entretanto os leitores, pelo menos não o devem estranhar aqueles que conhecem os principios que propagamos, se nesta coluna não aparece hoje a retumbancia das espessões entusiasticas e alvissareiras dos que se sentem bafejados pelas auras da victoria. O ato com o qual o Conselho Municipal acaba de consagrar os nossos incontestaveis e legitimos direitos, atravessando os seus tramites legais através da opposição cruel e dezumana dos nossos exploradores, para nós não é bem uma victoria, em que peze a opinião otimista dos demasiadamente inebriados.

Dezenha-se-nos desde já aos nossos olhos o quadro exato das lutas que em breve se desenharão na nossa classe, luta dos que, de nenhum modo, querem abrir mão dos seus absurdos e iniquos privilegios, pretendendo conservar, através dos tempos, uma situação por demais incompativel com as atuais tendencias da humanidade; e luta dos que, como homens dignos, procuram legitimamente conquistar condições de vida mais dezfogadas, mais humanas e consentaneas com a sua dignidade.

Os patrões não escondem a indignação e a raiva de que se acham possuídos pela aprovação da lei — que, ao que parece, os veio surpreender na sua excessiva confiança de senhores endinheirados — e nessa indignação em que traduzem nitidamente os seus sentimentos ferozmente egoistas, eles formulam, desde já, planos de futuras "revanches" contra os nossos direitos, contra o nosso bem estar, na obstinação cega dos que julgam tudo poder.

A luta é, pois, inevitavel, e na arena de combate cairão os que se encontrarem menos aparelhados para ela.

Nesta hora, mais que em nenhuma outra, o dever que se nos impõe, acima de quaisquer outras preocupações, é o da mais estreita e concinte solidariedade, quebrando lançando empenho de fazer valer, custe o que custar, seja por que preço for, as prerogativas que circunstancias especiais, atuando num dado momento, puderam arrancar ao Estado.

Porque, é bom não esquecermos, tendo, ao contrario, sempre bem presente que, se esse relativo triunfo das nossas pretensões foi possível, nós o devemos, em grande parte, ás lutas passadas, não só ás que nos formam a nossa historia corporativa como igualmente ás outras em que se lançaram os nossos companheiros de outras corporações de officios.

São os movimentos de rebeldia, surdindo de quando em quando do seio do proletariado, fazendo oscilar a ordem burguesa, que põem os governos na contingencia inesoravel de fazer, a seu tempo, certas concessões que ao seu criterio equilibrista se afiguram razoaveis.

Aos trabalhadores, acazo favorecidos por essas circunstancias fortuitas, cumpre não deixar-se empolgar ou embevecer-se pela ação pretensamente tutelar desse aparelho de compressão, sempre ao serviço das classes exploradoras. E mais: cumpre-nos não nos determos diante de immediatismos que nada representam, que nada valem em face do longo estendal de reivindicações que se desdobram infinitamente aos nossos olhos ávidos de justiça, levando por diante as nossas aspirações, sempre mais audazes, cada vez mais insatisfeitos, até que os nossos anseios de justiça sejam integralmente realizados com o advento de uma sociedade baseada em principios mais humanos, onde não hajam nem escravos nem senhores.

Um dia é da caça e outro é do caçador...



E' bom que se não esqueça!...

DESPEÇANDO CADEIAS

A regulamentação do trabalho da classe

No dia 13 do corrente mez foi aprovado em 3ª e ultima discussão no Conselho Municipal o projeto de lei, n. 125, de autoria do sr. Intendente Ernesto Garcez, regulando as horas de trabalho da nossa coletividade.

O projeto, a despeito de uma campanha insidiosa do patronato, levada cabo pelo respectivo centro, logrou ser aprovado segundo os desejos do Centro Cosmopolita, formulados na representação que enviou ao Conselho em setembro ultimo.

Em vista da exploração que se fazia em torno do artigo que determinava o fechamento das cazas em diferentes dias da semana, para o efeito de ser assegurado o dia de descanso a todos os empregados, o Centro Cosmopolita resolveu abrir mão dess pretensão, acedendo em ser rantido o descanso semanal pelo sistema de turnos.

Igualmente, á ultima hora, por motivos cujo exato fulcramento desconhecemos, foi apresentada e aceita uma emenda supressiva do artigo 6º, que conferia pderes especiais ás associações de classe para a fiscalização da lei.

Ainda assim, mantido quadro dos horarios, a que se refere o artigo 3º do projeto, que a medida que realmente assegura a fiscalização da lei (essquadro é assim uma especie de cixa registradora das recalcitranças e mandrajens dos patrões o novo regimen trar-nos-á senveis melhorias em relação ás noas atuais condições de trabalho.

Digna de referencia a dezoorientação com que se têm conduzido os nossos antagonistas na contenda e m que nos empenhámos a disputar á sua ganancia m pouco

de bem estar. Ao principio, naturalmente fiados no seu formidavel poderio, eles impugnavam o projeto "in totum", lançando mão dos recursos mais ignobeis, procuravam torna-lo antipatico á opinião publica; batiam-se sobretudo contra o fechamento. Mais tarde, vendo baldados os seus esforços no sentido de inutilizar totalmente o projeto, e percebendo a sua marcha vitorioza, á vista da nossa aquiecenca em desistirmos do fechamento, começaram, então, a murmurar que preferiam esta medida ao sistema de turnos, os quais, diziam, lhes cauzaria grandes prejuizo... Neste sentido uma das suas associações dirijiu uma representação as leislativo municipal. Lembrou-se, porém, muito tardiamente.

"Quien todo lo quiere, todo lo pierde"...

A' vista da confuzão cauzada pelas noticias dezencontradas dos jornais diarios sobre a aprovação do projeto, resolvemos publica-lo tal como foi primitivamente apresentado juntamente com as modificações sofridas durante a sua discussão:

- O Conselho Municipal resolve:
Art. 1º Os restaurants cazas de pasto e cafés, de 1 de janeiro de 1918 em diante, só poderão funcionar durante seis (6) dias na semana, escolhendo os seus proprietarios o dia que lhes convier fechar o seu estabelecimento, devendo, porém, esse dia ser previamente escolhido e combinado com o respectivo agente do distrito.
Art. 2º Uma vez determinado o dia do fechamento, só pôde haver alteração ou mudança quando for requerida nova licença á Prefeitura, por transferencia de firma comercial ou renovação do competente imposto.
Art. 3º Os proprietarios dos estabelecimentos tratados na presente lei são obrigados a afiscar em logar bem vizivel um quadro confeccionado na agencia do distrito e rubricado pelo agente, do qual constarão os nomes por estenso de todos os empregados, os respectivos horarios de trabalho e os dias de fechamento de suas cazas comerciais.
Art. 4º Nos dias em que o estabelecimento

Sobre a revolução russa

Trotsky

Figura culminante e de prestígio no seio dos massimalistas, Leon Trotsky tem atualmente quarenta anos de idade e nasceu na cidade de Nicolaeff, estado de Kercon do ex-imperio moscovita. Temperamento revolucionario e espirito combativo, desde os seus tempos de colegial, já em 1905 tomou parte ativissima nos acontecimentos insurreccionais passados no seu paiz, não só como militante do primeiro "Conselho de Operarios" constituído então e mais tarde dissolvido pela força, como também escrevendo artigos violentissimos no jornal "Nachalo" ("O Principio") nos quais aconselhava abertamente a espropriação capitalista, como medida salvadora e unica para o bem estar do povo.

Perseguido e prezo nessa época com os demais companheiros, foi enviado á Siberia onde se conservou até 1908, ano em que se evadiu.

Imensamente dramatica a sua fuga, dela se ocuparam os jornais do mundo inteiro.

Para que o leitor possa fazer uma ideia, embora vaga, do que foi essa evação, desta dizer-se-lhe que Trotsky teve de percorrer cerca de 3000 milhas montado em veados e cachorros na auzenzia absoluta de outros meios de condução!

Uma vez liberto do cativoiro fez-se de rumo á França donde passou mais tarde á Alemanha e Suissa.

Nesta ultima nação o veiu surpreender a guerra.

Voltando imediatamente a Paris ali fundiu a publicação de um jornal em sua propriedade e essencialmente contra a guerra.

Entretanto chegavam os primeiros contingentes russos á frente occidental e a mesma folha era suspensa a pedido do czar, e o seu diretor espulso para Espanha cujo governo, por seu turno, o enviava para Cuba acompanhado da familia...

Algum tempo depois Trotsky dava entrada em New York...

São do diario newyorkino "The Day" as seguintes impressões a respeito da sua insinuante personalidade:

«Simpatico, estatura regular, espaldas largas, olhos azues, grandes e muito atraentes».

Interpelado por um reporter do periodico citado sobre os acontecimentos europeus, Trotsky, com um sorriso-zinho muito cativante, respondeu:

«O que quereis de mim é de todo impossivel. Sois americanos e as vossas amabilidades conheço-as desde a minha estada na Suissa».

Todavia dias depois realizava a sua primeira conferencia em que, entre muitas outras couzas, espremia a sua confiança na proxima eclozão duma nova era social em todo o continente europeu.

Após a queda do czar, Trotsky partiu para a Russia. Detido na Inglaterra...

Continúa na 2ª pagina.

Cenas do meu hotel...

Raqueticas e magricelas, apesar de bem nocatos, um já está concivida e o outro desdentado...

Junjidos á terrivel canga dum trabalho es-tenuante, assim os vejo, coladitos, quer á tarde ou de manhã, num vai-ven ininterrupto para atenderem os freguezes no hotel, aonde como...

— Ha caldo da cozida, sopa de cevadinha e canja; ha carne cozida, carne assada, assada do lagarto com talharim, mocotó de cebolada ou á portugueza, tripas á espanhola, estofada á carioca, lingua ao Rio Grande... é com feijão, fricandó com espinafres, peixe frito ou de escabeche... carne para bifés e rim para aprontar...

Eis a sua oração. E, mal acabada esta, enquanto o freguez medita sobre a comida a pedir, num pulo se vai sacar o pão e o talher...

— Venha uma cozida.
— Uma cozida!
— Ha caldo da cozida, sopa de cevadinha e canja; ha carne cozida, carne assada, assada

do largato com talharim, mocotó de cebolada ou á portugueza, tripas á espanhola, estofada á carioca, lingua ao Rio Grande... é com feijão, fricandó com espinafres, peixe frito ou de escabeche... carne para bifés e rim para aprontar...

E' outro freguez que entra e a cena que se repete.

Que monótona e fatigante é, na realidade, a vida destes desgraçados! Mas, como se isso não bastasse e para mais martirio ainda da sua vida triste, ao fundo da caza o hoteleiro, redondo que nem uma pipa e com barbeta de cevado nas vespéras de malança, cercado por um balcão e guardando uma gavela, jamais os abandona com o peso da sua vista...

Joaquim Maujor

As nossas ambições não se limitam á conquista do pão, ainda mesmo com o vinho e o sal. Queremos também conquistar tudo o que é precizo ou simplesmente util ao conforto da existencia; hevemos de poder assegurar a todos a plena satisfação das suas necessidades e dos seus gostos.

Então cada qual poderá seguir livremente o seu caminho na vida.

Elséc Reclus.

Um grande jornalista da burguezia

Emile de Girardin é frequentemente citado como o criador do moderno jornalismo burguez. Tem, assim, todo o interesse o perfil da sua figura, traçado por Bakunine, ha mais de meio seculo, e que hoje traduzimos para os leitores d'O COSMOPOLITA. E' um perfil majestoso, que parece cinzelado sobre o modelo de qualquer dos grandes jornalistas dos nossos dias. Com efeito, mudem-se os nomes, as datas e os acontecimentos e o restante caberá, como justissima carapuça, sobre as cabeças dos nossos illustres Amarais, Lajes, Matos, Vitores da Silveira, Pirajibes, Pachecos, Rochinhas, Macedos Soares, Salvadores Santos, Marinhos, Medeiros, Joões do Rio, Alcindos, "et cetera" ... — tipos, como de Girardin escreveu o mesmo Bakunine, "renegados de todas as bandeiras e de todas as ideias".

«Ninguém personifica melhor a imoralidade politica e social da burguezia actual do que o sr. Emile de Girardin. Charlatão intelectual com apparencias de pensador sério, apparencias que tem enganado muita jente — até ao proprio Proudhon, que cometeu a injennidade de acreditar que o sr. de Girardin podia, de boa fé e seriamente, fazer-se adepto de um principio qualquer, — o ex-redator da "Presse" e da "Liberté" é peor que um sofista, é um sofisticador, um fraudador de todos os principios, basta que ele toque numa ideia, a mais simples, a mais verdadeira, a mais util, para que essa ideia imediatamente seja falseada e envenenada. De resto, ele nunca inventou couza nenhuma, consi tindo o seu processo em falsificar invariavelmente as ideias dos outros.

Consideram-n'o, em certas rodas, como o mais habil creador e redator de jornais. Certo, a sua natureza de jornalista, e o seu charlatanismo dezenfreiado, deviam torna-lo muito apto para este mister. Toda a sua natureza, todo o seu ser se resumem neetas duas palavras: "reclame" e "chantage".

Ao jornalissimo deve ele toda a sua fortuna; e não se fica rico na imprensa, conservando-se honestamente partidario da mesma convicção e da mesma bandeira.

Ninguém, como ele, levou tão lonje a arte de, com habilidade e a seu tempo, mudar de convicções e de bandeiras. Consecutivamente orleanista, republicano e bonapartista, ele se tornaria legitimista ou comunista, se fosse preciso. Dir-se-ia um homem dotado do instinto dos ratos, pois tem sempre escapado da nau do Estado, nas vespas de naufragio. Assim é que havia virado as costas ao governo de Luiz Felipe, alguns mezes antes da revolução de fevereiro, não pelos motivos que levaram a França a derrubar o trono de julho, mas p'por motivos pessoais, cujos dous principais foram, sem duvida, a sua vaidosa ambição e o seu amor do lucro não realizados. Republicano ardentissimo em fevereiro, mais republicano que os republicanos da vespera, propõe as suas ideias e a sua pessoa: uma ideia por dia, naturalmente surripada de alguém, mas preparada, transformada pelo proprio sr. Emile de Girardin, de modo a envenenar quem quer que a recebesse; uma apparencia de verdade com inesgotavel fundo de mentira, — e a sua pessoa carregando, naturalmente, esta mentira e, com ela, sobre todas as cauças que abraça, o descredito e a desgraça.

Ideias e pessoa foram repudiadas pelo desprezo popular. O sr. de Girardin tornou-se então um inimigo implacavel da Republica. Ninguém conspirou tão perseverantemente contra ella, ninguém contribuiu tanto, pelos menos em intenção, para a sua queda. E não tardou em fazer-se um dos mais ativos e mais intrigantes agentes de Bonaparte.

Tal jornalista o tal "homem de Estado" foram feitos para se entenderem. Com efeito, Napoleão III realizava todos os sonhos do sr. Emile de

Girardin. Era um homem forte, que zombava, como elle, de todos os principios, e dotado de um coração largo bastante para elevar-se acima de vãos escrúpulos de consciencia, acima de estreitos e ridiculos preconceitos de honestidade, de delicadeza, de honra, de moralidade publica e particular, acima de todos os sentimentos de humanidade, escrúpulos, preconceitos e sentimentos esses que apenas servem para entravar a ação politica; é um homem da epoca, em suma, evidentemente chamado a governar o mundo.

Durante os primeiros dias apóz o golpe de Estado, uma ligeira dezaçença houve entre o "augusto" soberano e o "augusto" jornalista. Mas foi apenas um arrufo de amantes, não uma dissidencia em torno de principios. O sr. Emile de Girardin não se considerou sufficientemente recompensado. Sem duvida ele gosta imenso de dinheiro, mas sente tambem necessidade de honrarias, uma participação do poder. Isso Napoleão III, apezar de toda a sua boa vontade, não lhe poude jamais conceder. Os Morny, os Fleury, os Billautet, os Rouer impediram sempre. De sorte que somente para o fim do reinado poude conferir ao sr. Emile de Girardin a dignidade de senador do imperio.

Se Emile Ollivier, amigo do coração, filho adotivo e de certo modo criatura do sr. Emile de Girardin, não houvesse caído tão cedo, com certeza teriamos visto o grande jornalista feito ministro. O sr. Emile de Girardin foi um dos principais autores do ministerio Ollivier (1). E foi então que a sua influencia politica creceu. Ele foi o inspirador, e conselheiro perseverante dos dous ultimos atos politicos do imperio: o plebiscito e a guerra.

Adorador, e já frequentador, de Napoleão III, amigo do general Prim, em Espanha, pai espiritual de Emile Ollivier, e senador do imperio, o sr. Emile de Girardin sentiu-se por fim demaziado grande homem para continuar o seu jornalismo. Assim, entregou a redação da "Liberté" ao seu sobrinho e discipulo, propagandista fiel das suas ideias, o sr. Detroiyart; e como uma menina que se prepara para a primeira comunhão, fechou-se num recolhimento meditativo, afim de receber, com toda a conveniente dignidade, esse poder tão longamente desejado, e que afinal ia cair nas suas mãos. Que amarga deziluzão! Perdendo o instinto que de ordinario o guiava, o sr. Emile de Girardin não compreendia que o imperio se desmoronava e que eram precisamente as suas inspirações e os seus conselhos que o atiravam para o abismo.

Já não estava mais a tempo de dar uma reviravolta: arrastado pela queda do imperio, o sr. Emile de Girardin tombou de toda a altura dos seus sonhos ambiciosos, no momento mesmo em que eles pareciam realizar-se. Ele tombou, reduzido a nada, e desta vez definitivamente anulado.

Ele tem empregado os maiores esforços, apóz o 4 de setembro, pondo em ação os seus antigos artificios, para chamar sobre si a atenção do publico. Não se passa uma semana sem que o seu sobrinho, o novo redator da "Liberté", não o proclame o primeiro homem de Estado da França e da Europa. Tudo em pura perda. Ninguém lê a "Liberté", e a França tem mais que fazer e não pôde preocupar-se com as grandezas do sr. Emile de Girardin. Desta vez ele está morto e bem morto...

Miguel Bakunine.

(1) Foi durante o ministerio Ollivier que rebentou a guerra franco-prussiana de 1870. (N. da R.)

sem os utopistas do passado os homens, ainda viveriam miseravelmente e nós em cavernas. Foram os utopistas que traçaram as linhas da primeira cidade. Desgraçado do partido politico que não tenha utopistas!

Anatole France

¡ADELANTE!

que se agrupen los hambrientos; los que ostentan en sus rostros las mortales palideces de la anemia y abrigados por mi manto, cobijados por mi lema lancen fuertes y viriles su protesta, y al impulso de sus golpes, venga abajo lo caduco... lo inservible al suelo venga.

¡Venga abajo! con lo viejo un alázar a lo nuevo el vigor del pueblo crea y al abrigo de ideales de ventura destruyendo las fronteras sin distingos de colores y de razas los esclavos del salario se confunden y se estrechan.

Se confunden y se alientan porque sufren igualmente las humanas injusticias porque llevan en sus rostros retratadas las furiosas dentelladas con que el hambre les asedia.

Sois de esos... formáis parte de la esclavizada gleba, asociada por oficios porque sabe que la unión a los parias da la fuerza y ha ya tiempo que emprendida tenéis franca lucha abierta contra el bárbaro burgués que en su egoismo acapara los productos de la tierra.

No cejéis ni un solo instante, seguid firmes la pelea desterrando a vuestro paso la ignorancia, con las luces de la ciencia y ayudando a los que luchan sin fijaros para nada en sus creencias.

¡Adelante! es vuestro nombre; adelante, pues, obreros, adelante, a ver si llega el instante deseado en que cesen las humanas diferencias y el amor universal impere solo sancionado por las leyes de la gran Naturaleza.

José Manuel Méndez

A revolução portuguesa

é apenas politica?

Duvido que a recente revolução em Portugal tenha sido previamente preparada e levada a cabo pelo partido politico que ora constituiu o governo provizorio.

A meu ver, a revolução portuguesa deve ter começado como um movimento espontaneo de revolta popular, contra a carestia da vida.

Assim sendo, poderia-se chamar a revolução da fome.

Que o inicio da revolução foi um movimento espontaneo de revolta popular, determinada pela miseria cada vez mais assustadora que assoberba aquele paiz está no fto de que o povo esasperado pel: fome, assaltou os armazens, dando tiro a todo aquele saboroso... bacalhau que, por certo, estava reservado para os opiparos jantares dos arjentarios, inglezes francezes e italianos.

Ora, e a revolução em Portugal tivese sido obra exclusivamente dos politicos, certamente, essa espropriação por parte da população se não se realizava, porque os homens que compõem o partido ora dominante são politicos e como politicos são conservadores, seu primeiro cuidado teria sid aquele de aconselhar o respeito a propriedade.

Seria mesmo que dissessem: "Não deis assaltar os armazens dos negociantes da cidade. Basta confiar a nós, que saberemos logo coruistado o poder, pensar por vós".

D'ahi dedução que tiro de que aquele movimento que se apresentou em carater nitidamente economico, foi obra espontanea do povo ançado de muito sofrer os rigor da miseria e da fome. Os pcticos, porém, que estão

sempre de atalaia afim de tirar partido de todos os movimentos populares em seu escluzivo proveito, não iam certamente fazer escapar esta ecelente ocazião.

E assim estou certo de que, aproveitando-se das circunstancias do momento, conseguiram com a sua fina habilidade e sagacidade assenhorear-se do movimento, transformando-o n'uma revolução politica.

Mas, entretanto, é tambem uma revolução sintomatica.

E' o preludio do despertar dos povos.

Por isso, aguarde para muito breve, por outros importantes acontecimentos.

Zeferno

Sobre a revolução russa

Trotsky

(Continuação da 1.ª pagina)

terra "liberal", foi o proprio Kerensky que serviu de mediador para a sua libertação.

Chegado a Petrogrado assumiu sem delongas, e a instancias dos amigos, a direção do "Comité Central" dos conselhos de operarios e soldados; e a 28 de outubro deste ano, interrogado sobre o programa dos estremistas dizia testualmente:—Nós, bolsheviks, queremos a paz, custe o que custar. Os soldados não podem nem devem ser obrigados a passar um quarto inverno nas trincheiras. Se o governo actual (Kerensky) a não quizer fazer derruba-lo-hemos e fa-la-hemos nós. "PAZ, TERRA E BEM ESTAR PARA TODOS é a nossa diviza".

Podemos discordar de certos pontos de vista doutrinariorios do atual ministro das relações exteriores da Russia. Isso contudo não impede que façamos justiça á integridade do seu carater impoluto, sobretudo hoje que, como membro do governo massimalista, procura harmonizar todos os seus atos com as convicções teoricas arraigadas na sua mentalidade e nunca desmentidas pelo seu passado de lutas.

O HOMEM DA RABECA

A caza para onde me mudei nada tinha de confortavel e resguardada. Sómente alta e mais clara que o primeiro andar da rua do Sol. Devia já ser velha; os tetos baixos e o soalho carunchozo tremiam em os chinelos arrastando.

Pelos buracos do roda-pé, as baratas saltavam de noite aos rebanhos, em cata d'alimento. Mas de manhã a couza mudava—rompia alegremente o sol, como um companheiro folgazão, e no parapeito da varanda, as pombas do marceneiro vinham arulhar, beijando-se com esse movimento coquette de cabezinhas graciosas, em que parece viver todo um mundo de pequenos segredos de *boudoir*.

Um pé de alvendo florido chamava as abelhas, abrindo-lhes as corolas rozeas num candido aroma de beijos, e em amfiteatro, alargando-se da Baixa ao cimo das colinas de uma banda, e até ao azul do rio da outra, a cazaria da cidade, liberta dos ultimos vapores da noite, espunha as suas fachadas brancas, monotonamente cortadas de janelas, sobre que os tetos caíam piramides alongadas, e de que as chaminés furavam agressivamente aqui e além, fumando na rizonha luz recemnacida.

A primeira couza que pude notar na vizinhança, foi que não havia uma cara bonita. Em baixo na loja do predio fronteiro, a mulher do logar, suja e gasta, era repelente com os seus enormes sapatos de orello e o corpete do vestido constantemente descerrado, mostrando a carne trigueira e chuchada dos seios. No primeiro andar, engomadeiras com cara de homem, cabeludas e amarelas, vinham raro á janela para lançar olhares obliquos sobre as costas alheias. Por cima era uma mestra — no lado um veterano eternamente á janela, de barrete azul, fumando no seu cachimbo disforme. Na rua estreita e tortuosa, todos se conheciam; creanças brincavam descalças e ranzozas, tocando latas; de manhã era uma gralhada de janela para janela sobre a carestia das couzas e as carraspanas dos maridos — e o mesmo paleiro servia as familias, demonstrando-se de palestra pelas escadas.

A's dez horas, em quanto fazia o almoço, sentia um rumor de passos cansados, e uma voz — dizer de quando em quando: — *espera, homem, vai devagarinho. Alguma vez dás comigo pela escada abaixo!*

Era o vizinho do lado, o cego da rabeca, deendo com o pequeno. Iam para o jiro do dia, em quauto a velhotaficava enrolada em cobertores e meio paralitica das pernas. Succedia topar com eles pelas ruas. O pai era velho, tipo comum dos cegos famintos, com a sacola pendente, rabeca a tiracolo por um cordão verde e sujo, o chapéu amachucado, vestia de saragoça. O habito de cantar para as janelas, havia-o detado um pouco para traz, os olhos escancarados tinham uma serenidade vitrea, a boca era um nada atormentada aos cantos...

Em certos dias corriam a cidade inteira, becos lobregos e ruas humidas dos antigos bairros, onde parece errar ainda agora uma lejana de facadas e de bulha de altercações vadias.

A' noite, internavam-se pelos baixos cafés de operarios, Alfama, Mouraria e Bairro Alto; e ali amalfucados a um canto, em quanto jernia a rabeca, o rapaz erguendo a voz dizia as desgraças dos degradados e as lamentações do Vimiozo, terminando por estender o chapéu á esmola dos que bebiam. Eram os unicos tristes da rua aqueles espulsos da fortuna, a velha que ninguém via, o cego e o rapaz macilentos.

Voltaram tarde, estenuados.

— Vá homem, vá, parece que não tens força nas pernas! dizia o cego ao pequeno.

Succedia, por vezes, Miguel recordar que não havia petroleo em caza, que as provizes estavam por pagar no João tendeiro, e não seria fiado real na manhã seguinte se não fosse de logo paga a pequena despeza. Detinham-se então na escada ou á boca de alguma loja.

O pequeno estendia a mão terna e roza, e nela o pae ia deixando cair vagarosamente e com pena, uma a uma, *Um-tin* metódico, as pobres moedas recolhidas no trajeto do dia.

A's vezes era pouco, trez, quatro vintens.

— Bendito seja Nosso Senhor! suspirava o cego, e passavam sem luz essa noite.

Era nos domingos mais prospera a esmola e triplicava a receita.

Dizia o cego:

— Sempre é dia em que Deus Nosso Senhor descansou.

Por vezes, até, uma pobre senhora, compassiva ante a velhice daquele homem, sem queixa mordendo as misérias do dezamparo, oferecia-lhe um pouco de fato, restos da refeição. Era um prazer, que se poupava o jantar d'aquelle dia. E deante do pequeno Miguel, cujos olhos vagos e interiores pareciam absortos numa contemplação lunatica, o cego dezenrolava carinhos doces e meigas insistencias para que trincasse os melhores bocados, perguntas repetidas sobre se tinha frio, dores de cabeça, os pés molhados... Rareavam de inverno as esmolas; mal se podia andar nas ruas, que lama cuspidos dos trens enchia tudo, e eram inclementes e eternas as gotearas dos telhados pingando sobre quem passava sem cobertura. Em tempos daqueles nem os garotos da rua queriam muzica — as crianças dos varios andares, as melhores freguezas das pobres valsas e cantigas que o velho ezeccutava na rabeca não podiam chegar á janela; se pediam esmola, respondiam logo — Tenha paciencia!

Além disso um horror que a policia os fizesse em flagrante mendicidade... que seria depois da velhota? O azilo glacial em que as cabeças estão cheias de parazitas e os estomagos vazios de alimento, seguir-se-ia enquadro na pressão soberba e fria dos fiscaes e administradores; separa-los-iam brutalmente, o velho para a cazerna com outros invalidos, como ele sem valia, a creança para a *Correção*, em que a lividez é patibular. Nesses amargurados dias era necessario comer á rações. Duma vez tinham feito um pataco. E a velhota, coitada, sem remedio...

A hora do jantar retardou-se naquele dia. Quando era noite, o velho falou em irem comer alguma couza. Queixou-se de não ter vontade, e deu ao Miguel o dinheiro para que fosse comprar pão. A creança olhou-o com uma especie de surpresa injenua; á luz tremula do gaz d'uma loja viu lagrimas nos cillos tremulos do pai, cuja face cavada tinha uma cór terrena de angustia. E sem saber por que poz-se a soluçar á esquina, lonje d'ele, para que não fosse ouvido. Ah! Era bem negra aquella vida!

Filho d'Almeida

A Federação Operaria

O que foi e o que é

Foi em 1906 que a F. O. do Rio de Janeiro, orientada por uma pleiade de revolucionários, conhecedores da questão social, cheios de vida e disposição para propagar as suas ideias, iniciou, período, quiza mais importante da nossa historia revolucionaria.

Os elementos que compunham este organismo, com os predicados acima referidos, conseguiram pela primeira vez no Brazil, orientar o operariado nos principios sindicalistas revolucionarios, inculcando aos trabalhadores uma diretriz identica a que adotava a C. G. T. de França.

Em Abril do mesmo ano por iniciativa da Federação realizou-se o 1º congresso operario Brasileiro. Nesse congresso ficou definida a orientação da Federação.

Este importante ato seguiram-se um período de intensa propaganda e uma serie de lutas nas quais aos anarquistas, eram sempre confiados logares de destaque.

A obra iniciada teria caído no abandono se não fosse a pericia infatigavel de um punhado de pensadores, que nos momentos nos quais, ignoancia, os operarios não os queriam ouvir, nem por isso sentiam diminuir o seu entusiasmo, e novos meios de propaganda eram postos em execução; uma ativa correspondencia era sustentada com o operariado militante de todo o Brazil.

A. F. O. do Rio de Janeiro, pela coerença dos seus principios e pela abnegação e consistencia de seus componentes, impunha-se à consideração do Brazil operario e anarquista.

Depois de seis anos de propaganda e de vida acidentada, conseguiu a Federação reunir o operariado organizado do Brazil em um congresso, com a respeitavel cifra de 117 representantes dos Estados: Os componentes dessa reunião, pelas teorias e temas defendidos, enchiam de esperanças aos libertarios, que tanto esforço haviam empregado para arrancar a organização operaria da influencia nefasta de politicos e demagogos. Terminados os trabalhos do 2º Congresso as suas resoluções foram publicadas em um livro de 79 paginas, que pela sua valioza documentação traça uma orientação revolucionaria de carater social para as lutas economicas do operariado. Com estes resultados tudo parecia indicar-nos um futuro promissor, capaz de satisfazer, as nossas, aspirações de fraternidade e justiça humana.

Entre as deliberações desta grande reunião houve a de serem enviados, representantes do operariado ao interior dos Estados com o fim de propagar a organização ao trabalhador rural, fundamentada nas ideias de predominância nos militantes autores desta iniciativa, esta medida foi levada à pratica em nome da C. O. B. por dois conhecidos anarquistas, os camaradas José Elias e João Crispim, o primeiro para o Norte e o ultimo para o Sul.

A propaganda destes dois batalhadores, se não teve a retumbancia de grandes agrupamentos, teve o valor real de criar um punhado de abnegados, capazes de sentir e propagar ideias que tiveram a felicidade de conhecer.

E aqui, terminam as glorias da Federação, talvez pela auzença de um bom nucleo de companheiros, obrigados a emigrar ou talvez porque fatores imprevistos tenham modificado as concepções libertarias dos individuos oportunistas.

Mas seja qual for a cauza desta decadencia moral, pouco nos deve importar, desde que não alimentamos esperanças de encaminhar a quem tão dezastradamente tem andado.

Da revolucionaria Federação de outros tempos, resta apenas o nome, em poder de meia duzia de «arrepentidos», que teimam em explorar, as tradições gloriosas de quem sabia lutar; o seu programa anti-estatal, harmoniza-se hoje com as deliberações da Camara dos Deputados, uma das suas aderentes (U. da C. Civil) nomeia em assembléa geral um delegado para que indiretamente, (mas com ordem da assembléa.) auxilie a candidatura do Dr. Evaristo de Moraes; as afirmações anti-guerreiras, feitas no Segundo Congresso, com ameaça de greve geral, são desmentidas com meções de apoio ao legislativo no momento de autorizar o executivo a iniciar a matança, e individualmente, as mesmas que em 1915 tomaram parte no Congresso pró-paz, hoje por conveniências individuais concitam o operariado a alistar-se!

Depois de tudo isto, com o maior caradurismo, ainda dizem ser os continuadores das deliberações do Segundo Congresso.

Já é ser audazes!

Waldemar Grace

Um triste acidente

O companheiro José Torrado foi, ha dias passados, vitima de um acidente que consternou a quantos conhecem tão ecelente camarada. Quando tomava um bonde em movimento, perdendo o equilibrio, caiu, e tão dezastradamente que uma das rodas do veiculo, esmagou-lhe uma das pernas.

Recolhida ao Hospital da Santa Caza, ali se encontra em tratamento, apresentando o seu estado ligeiras melhoras. Inumeros têm sido os companheiros que ao Hospital tem levado o conforto de uma vizita.

Lamentando sinceramente o triste acidente desejamos-lhe pronto e completo restabelecimento.

A "chegada do Curvelo"

A chegada do «Curvelo» o navio tão tristemente celebrizado, era esperada de ha muito com justificada impaciença. As companheiras, mais, filhos, viuvias e amigos dos espulsos de S. Paulo, vinham com angustioso interesse todos os movimentos do vapor que a seu bordo conduzia as vitimas a canalha paulista, com o consentimento do comparsa que no Largo do Rocio distribui «justiça», tem feito sofrer os mais atrozes tormentos,

Esperav-se que os carrascos dessem, emfim, um momento de treguas ás vitimas do seu odio torvo. Era, porem, puro engano: Os sofrimentos ocasionados a nove homens, a nove familias, não os comove, só com o tilintar do dinheiro podem ser abalados.

Enviados para barbados, com salvo-condutos falsos, era de prever que o governo inglez não consentisse no seu desembarque, e efetivamente assim aconteceu! Sabiamos que, de regresso, havim passado pelo Recife com destino ao Rio, e, inquietos, aguardavamos o desenrolar dos acontecimentos, fazendo conjectura, cada qual segundo o seu otimismo ou pessimismo.

Finalmente ás 11 horas de hoje o «Curvelo» atracava; lá estávamos á amurada do cais da Praça Mauá, a espera dos cinco homens de fisionomias abatidas pelos sofrimentos inauditos de trez mezes passados em uma masmorra flutuante, ardendo na impaciença de quem tem desejos de abraçar fraternalmente irmãos de ideias valorozo lutadores. E quando a escada de bordo foi arriada galgamos-la apressadamente e, num apice, estávamos a bordo. Ai fomos informados de que os nossos companheiros haviam desembarcado, prezos na Baía!

Mais um crime!

Mais uma infamia!

Entre os prezos encontra-se José Sarmiento, a favor do qual foi concedido um habeas-corpus.

Que pretenderá ainda fazer a policia destes homens, será possível que neste paiz se possa permitir tão aviltantes crueldades?

Em face de todos estes acontecimentos uma pergunta surge naturalmente em todos os labios e os trabalhadores o que fazem?

Aqueles que levantaram o seu brado de protesto a proposito do caso Ettore e Giovanita, aqueles que não deixaram no silencio do esquecimento o fim trajfco de Francisco Perrery Guardia, aqueles, finalmente, que sempre tem propugnado pela justiça, onde estão neste momento?

Triste realidade!

Alguns «fazem politica» e outros exploram a organização com intuitos pessoais!

E enquanto isto, os verdadeiros lutadores da cauza operaria continuam aos pontapés do Rio para Barbados e vice-versa, segundo á fantasia caprichosa e perversa dos tiranos de barrete frejio...

w. g.

O Bastoni no Rio

Sabemos de fonte segura que o famijerado cretino chamado José Bastoni, que tanto mal cauzou entre a familia proletaria de São Paulo, por ocasião da ultima greve geral, denunciando os companheiros que nesse movimento tinham tomado atitude mais saliente, se encontra no Rio, disposto a continuar aqui suas «heroicas» proezas em beneficio da burguezia.

O recomendamos á «consideração» dos camaradas.

Barretadas éssivas...

Alguns caixeiros do Restaurant Labarthe, provavelmente ancozios de darem largas ás suas ndências demaziado... (como dizem?) bajuladoras, andam agora numa sbril atividade...legrafica.

E, o cazo que, deáando trabalhar por condições melhos de trabalho para a classe, e não dpondo, ao que parece, dos necessaos elementos, para o fazer por outro processos, desfazem-se e dezandam em zumbais para a direita e par a esquerda a todos os próhomens d politica!

O peor que essa ania aparentemente inofensiva, são s vezes contra-producentes.

Haja vista o que sucedeu, ha dias, a proposito das emedas apresentadas pelo intendente sr. Larentino Pinto. Os homenzinhos do Labarthe, tomando a nuvem parJunco, julgaram que a emenda vinha ivorecer o projeto de lei que regula s horas de trabalho na classe, e vai dá, meteram os pés pelas mãos, felicando calorozamente o autor da emena!

Entretanto, se tai emendas fossem aceitas, o projeto ficaria completamente inutilizado. I isto mesmo o reconheceu o própro autor que as retirou em tempo.

Não sabemos se os companheiros do «Labarthe» sofrem da vista ou não sabem ler...

Em todo cazo, miops ou o que sejam, achamos que esses rapazes devem, a bem dos interesses da classe moderar um pouco os seus pruridos telegraficos.

"GUERRA SOCIALE"

Este valente hedomidario de propaganda libertaria, que se publica em S. Paulo, em lingua italiana, portuguez e espanhola, e que deixou de circular ha algumas semanas, promete reaparecer logo que cezapareçam as ececionais circuntacias do momento.

Aos seus assinantes foi endeaado um suplemento circular, no qual iam espostos os motivos da sua suspensão. Essa circular, segundo comunicação que nos feita, foi completamente censurada...

Não faremos comentarios. O leitor inteligente o faça.

Nós o que poderemos fazer e que desejamos ardentemente o reaparecimento de tão util órgão, espoente das mais belas ideias rejeneração humana.

GARÇÕES! RECOMENDAE O

Cognac MARTELL

Agrande marca Franceza. E' melhor e mais popular

Café e Bilhares do Campo

Casa especial em, café, chocolate, leite d' Minas, mingaus, gemadas e ceias

ABERTO ATE' A' 1 HORA DA NOITE
JOSÉ ANTONIO DE AZEVEDO
R. Frei Caneca, 1
 Canto da Praça da Republica e esquina da Rua Barão do Rio Branco
RIO DE JANEIRO



 O que é o vermutin
 E' um aperitivo-estomacal moderno, elegante, original, que se toma puro, gelado com agua, syphon ou misturada com outro.
 E' uma bebida deliciosa, com poderes tonico digestiva-nervinos e virtudes, RADIO-ACTIVAS, que influem no rganismo, rejuvenescendo a todos que fizerem uso.
 Nota: o paladar delicioso que fica na bocca depois que se bebe O VERMUTIN! tome gelado que é delicioso!
 O appetite renasce, a juventude se conserva e se prolonga, a velhice adquire novos reforços para resistir aos seus efeitos!
 Tome sempre, repeti as doses de 3 a 4 calices por dia e no fim de 15 dias sentireis os beneficios do RADIO APERITIVO INDIANO - VERMUTIN - do Dr. Eduardo França.
 encontra-se em todos os hotéis, restaurants, cafés, confeitarias bars, botequins e armazens.
 unicos depositarios: Mou- & C., Rua do Rozario, 133 - Concessionarios: Coutinho Neves & C., Rua Buenos Aires, 96 (sobrado.)

COMITE' DE DEFEZADOS DIREITOS DO HOMEM

Escreve-nos a Camissão organizadora do festival do Centro Galego:

No balancete do festival realizado em beneficio dos operarios espulsos de S. Paulo, realizado no Salão do Centro Galego, publicado no numero passado do «Cosmopolista», saiu por engano o nome do sr. Modesto Ruas como devedor de 5 cartões, ao em vez do sr. João Arzua.

Cientificamos igualmente que o companheiro José Alves Diniz prestou contas dos 11 cartões que restava.

Assim sendo fica acrecido o respectivo saldo da importancia de 11\$000.

GRANDE TINTURARIA LONDRES

Rau 7 de Setembro, 147

Entre Uruguayana e Travessa de São Francisco de Paula

Casa das duas Portas Largas. Ao ado das afamadas camas arame Serpa. — Fazem-se concertos em roupas de homem TELEPHONE N. 3093

Tinturaria e Alfaiataria RUY BARBOSA

Especialidade em roupas sob medida Concerta-se roupas de homens

MORAES & MOREIRA

Rua Senhor dos Passos, 96

Tel. 4803-Norte—RIO DE JANEIRO

Fabrica de Cerveja Oriente

de José Vasquez Ferro
 Rua Viscende do Rio Branco 30



GARIBALDI
Pitoresco Parc ao ar livre

(Entrada pela rua da Constituição 53)

TELEPHONE C. 1573

Rio de Janeiro

Bar Fidalga

QUINTA DA BOA VISTA

O parque mais frequentado desta capital
 Licores, vinhos finos e de todas as qualidades, cervejas, refrescos, sandwicks e e comidas frias.

Serviço feito com todo o asseio e promptidão

M. J. PIRES

Tel. 4296 - Vila

Companhia Hanseatica
 Bebam as cervejas
Polar,
Cascatinha,
Iracema e Sumaré

Fabricadas com agua da Tijuca, captada na propria nascente

Cervejaria Brahma



Recommenda as suas
afamadas marcas :



Fidalga Malzbier Brahma Porter

que são as preferidas pelas pessoas de bom gosto

BEBAM

CAXAMBÚ

A soberana das
aguas de meza

RIO DÃO O vinho de meza
preferido

IMPORTADORES

J. Ferreira & C.

Cerveja Park Bier. Estomacal
e nutritiva

PRAÇA TIRADENTES, 27

CASA TIM-TIM POR TIM-TIM

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX
* SEMPRE NA PONTA *
XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

ESPECIALIDADE EM PETISQUEIRAS A PORTUGUEZA
E "COM ELLAS E SEM ELLAS" - ABERTO ATE 1 HORA DA NOITE

Rua do Lavradio n. 41 - Telephone 3229

RIO DE JANEIRO

DURAN & BARBOSA

"Casa Rist"

Deposito excludivo de productos
nacionaes

VINHOS E CONSERVAS

Rua 7 de Setembro n. 77

Telephone 455 - Central

BEBAM

SALUTARIS

A Rainha das

Aguas de Meza

CENTRO COSMOPOLITA

Séde: RUA DO SENADO 215--217
(TELEPHONE 1499 CENTRAL)

Esta sociedade, fundada em 31 de Julho de 1903, incumbem-se de fornecer ás exmas. familias, confeitarias, hotéis, restaurants
clubs, bars e demais casas deste ramo, pessoal competente
para banquetes, casamentos, pic-nics, etc. etc., não só na capital como no interior, responsabilizando-se pelo mesmo

Aluga o seu vasto salão para festivaes, conferencias e outros actos de reconhecida moralidade

Attende a chamados todos os dias uteis das 7 ás 22 horas e aos domingos até ao meio dia